

“Proposta de reintrodução da filosofia no 2º Grau — algumas informações e alguns resultados de uma enquête”.

*Profª Sônia T. F. Feijó **

A Lei nº 5692/71, que estabeleceu a reformulação dos Currículos e Objetivos do Ensino de 2º Grau em todo País, deu prioridade à formação técnico-profissionalizante do estudante desse nível de ensino. Ao dar ênfase à profissionalização, necessariamente os Currículos tiveram de ser reorganizados a fim de se aumentar o número de horas-aula destinado às chamadas matérias técnicas. Em consequência foram parcial ou totalmente retiradas desses currículos aquelas disciplinas que não levavam diretamente a uma profissionalização. Exemplo disso foi a caracterização que passou a ter a disciplina filosofia, tida desde então como optativa para a maioria das profissionalizações, ou facultativa para os Colégios, o que levou a uma retirada quase automática da maioria dos currículos.

Esse fato gerou uma reflexão por parte dos professores e estudantes de filosofia, com o objetivo de definir a importância e o significado do filosofar, a partir da nossa época, dos nossos problemas, da nossa realidade. Na verdade, estudar filosofia do modo como vinha sendo ministrada, equivale a estudar apenas as teorias primitivas da física, da geometria, da biologia, sem alcançar um nível de conhecimentos que possibilite fazer uso das mesmas para as necessidades do nosso século.

Desde 1977 que a questão do retorno da Filosofia ao 2º Grau passou a ser discutida em vários pontos do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, ora nos Cursos de Pós-Graduação em Filosofia, ora nas diversas Sociedades de Filosofia em atividade em todo o País, como por exemplo a SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas) e outras. Foram promovidos encontros de estudantes e professores de filosofia já nesse mesmo ano em São Paulo e Porto Alegre, com o intuito de se discutir, por exemplo, qual o caráter do conteúdo e

* Mestra em Antropologia Filosófica pela PUC/RS. Profª Assistente do Departamento de Filosofia.

da metodologia mais adequado para o ensino da filosofia no 2º grau, na nossa realidade brasileira. Dessas discussões promovidas, resultava sempre uma conclusão: a filosofia deveria voltar aos currículos de 2º Grau de modo diverso daquele que a caracterizara até a Lei 5692. O conteúdo deveria constituir-se de uma abordagem da problemática atual; e a leitura dos clássicos somente seria feita como contribuição à compreensão dessa mesma problemática no decorrer da história humana.

A aceitação dessas conclusões leva à elaboração de algumas outras questões, como por exemplo: qual é efetivamente a problemática experienciada pelo adolescente no mundo de hoje? Qual o interesse que os textos clássicos da filosofia poderiam despertar no mesmo? De que modo conciliar o estudo teórico com as necessidades existenciais dos estudantes de 2º Grau?

Foi com o intuito de levantar maiores informações e detalhes sobre os adolescentes que se elaborou um questionário com perguntas que solicitavam desde uma avaliação dos Cursos que eles frequentam, preferência por disciplinas, profissão que desejam exercer, assuntos pelos quais mais se interessam, o que mais apreciam, quais os problemas que consideram os mais graves no momento atual, etc... Esse questionário foi aplicado em quatro Estabelecimentos que oferecem cursos de 2º Grau na cidade de Florianópolis. Foram ouvidos 498 estudantes assim distribuídos: Colégio de Aplicação/UFSC — 167, Colégio Catarinense — 121, Escola Técnica Federal de Santa Catarina — 118, Colégio Pio XII — 92. Em todos os Estabelecimentos sempre foram ouvidos alunos de todas as séries do 2º Grau, no mínimo uma turma de cada série. No Colégio de Aplicação foram ouvidos todos os alunos presentes à aula no dia da aplicação dos questionários. A maioria das perguntas foi deixada em aberto, a fim de que o estudante tivesse, ele próprio, de elaborar as respostas a serem dadas (v. questionário em anexo).

Fêz-se uma primeira tabulação geral que já oferece, embora sucintamente, elementos para uma reflexão sobre o perfil da maioria dos estudantes consultados. Não se pretende com estes primeiros resultados caracterizar genericamente todos os adolescentes de 2º Grau de Florianópolis, ou de Santa Catarina; seria necessária uma pesquisa mais abrangente envolvendo jovens do interior do Estado para de fato possibilitar uma caracterização real dos estudantes secundaristas catarinenses. Nosso estudo teve apenas o objetivo de fazer uma experiência-piloto. A amostra foi coletada em setembro de 1981.

Passamos agora a relatar sumariamente alguns resultados:

- 1º — O estudante de 2º Grau e a Escola
- 2º — O estudante de 2º Grau e sua profissão
- 3º — O estudante de 2º Grau, seus interesses e ocupações
- 4 — O estudante de 2º Grau e sua opinião com relação aos problemas atuais
- 5º — O estudante de 2º Grau e a sugestão da inclusão de uma disciplina de cunho filosófico no seu currículo
- 1º o estudante de 2º Grau e a Escola

Do total de estudantes que responderam o questionário apenas uma pequena minoria (3,0%) afirma estar na Escola por imposição dos pais. Da maioria restante, uma grande parcela (47,4%) estuda porque vê como uma necessidade fazê-lo: outros 49,6% estão na Escola porque assim o desejam.

2º O estudante de 2º Grau e sua profissão

Os sonhos mais freqüentes entre os entrevistados são os de “vencer na vida” e “ser bom profissional”. De certo modo, os jovens estão associando esses ideais, à profissão que gostariam de exercer. Quase a metade do total de entrevistados aponta Engenharia (28,7%) e Medicina (12,0%) como sendo a profissão que gostariam de exercer, seguindo-se Odontologia (4,4%) e Direito (4,2%) essas últimas já bem menos almejadas. Igualmente quando foi perguntado qual a Faculdade que vai cursar, foi mínima a variação: Engenharia (32,1%, Medicina 11,1%, Direito 5,0%, Odontologia 4,7% seguindo-se Psicologia 4,3%, Agronomia/Administração/Arquitetura 3,8% respectivamente; e outras. Em contrapartida, perguntou-se qual a profissão que eles menos gostariam de exercer: Professor (15,1%) recebeu o maior número de rejeições, seguido bem de perto por Trabalhos Braçais (12,2%) como as ocupações que uma maioria relativa não gostaria de ter.

Se os estudantes entrevistados não “precisassem” trabalhar para sobreviver, eles gostariam de se ocupar com Viagens (26,3%), Esportes (13,6%), Estudos (12,9%), Morar no Interior (5,0), e outras.

3º O estudante de 2º Grau, seus interesses e ocupações

É significativo constatar que mais da metade da população entrevistada não exerce nenhuma atividade em grupo. Apenas 48,6% respondeu que se ocupa com outras pessoas em determinadas atividades, das quais

a mais freqüente foi Esportes (29,3%) seguido de Grupo de Jovens (14,5%) e de Tarefas Escolares (14,0%) e outras.

Sobre o que eles mais gostam de fazer, sozinhos ou em grupo, novamente os Esportes (24,5%) aparecem como a atividade mais desempenhada por eles, seguindo-se Divertir-se (8,0%), Ouvir música (6,0%), Ler (5,4%) e outras.

Os assuntos que mais despertam seu interesse são a Política (13,2%), o Esporte 12,6%), Sexo (8,6%) seguindo-se Atualidades (8,0%) e outros. Reconhecem os entrevistados, sua pouca quantidade de leitura; 65,3% respondeu que “lê muito pouco”, 2,2% respondeu que “nunca lê” e 32,5% que “lê muito”. É com os amigos (48,0%) e em casa (22,7%) que eles mais discutem o que lêem. Importante registrar que 20,7% nunca discute o que lê e apenas 8,6% o faz na Escola.

A leitura preferida por eles é Romance (29,5%), seguindo-se Policial (7,2%), Ficção (7,0%), Ciência (5,4%) e outras.

Estar estudando constitui para os entrevistados, ora a realização de um anseio, quando por exemplo respondem que se não precisassem ter um emprego gostariam de estudar mais, ora um problema, quando ao serem indagados de qual é seu maior problema, apontam, depois do econômico (14,5%) os estudos (11,4%) como algo que os aflige.

Com relação à qualidade do Curso que freqüentam e à satisfação que lhes proporciona, menos da metade acredita que o Curso os está preparando para serem bons profissionais (43,4) e uma parcela ainda menor (36,8%) afirma que está sendo preparada adequadamente para “enfrentar a vida”. Esses números poderão nos mostrar uma parcela de crença na parte dos objetivos profissionalizantes dos cursos de 2º Grau e um descrédito muito acentuado (63,2%) na qualidade da formação geral que o jovem desejaria ter. Do total dos entrevistados, 56,6% ou não acredita na profissionalização, ou crê muito pouco nela, ou não sabe com certeza se a Escola o está preparando nesse sentido.

No entanto, é ainda através da Escola que o estudante de 2º Grau vislumbra a possibilidade de vir a “ser alguém na vida”. Indagados sobre qual seu maior sonho, 19,8% responderam “vencer na vida”, enquanto outros 14,0% colocam como um ideal, ser um “bom profissional”. Os estudos, pensam os entrevistados, são o meio através do qual poderão alcançar este seu sonho; 62,4% responderam que acreditam realizá-lo através da continuação dos estudos.

Indagados sobre qual o elemento que poderia ser melhorado no 2º Grau, a maior incidência de respostas recaiu nos “currículos” (19,4%), seguindo-se bem próximo, “conteúdo das disciplinas” (18,2%) e em terceiro lugar “relações entre professores e alunos” (12,6%). Também aparece com frequência significativa, uma crítica ao nível dos professores (11,3%).

O nível de apreço e satisfação dos alunos quanto às disciplinas do seu currículo, aponta Religião (10,2%) como sendo a disciplina menos importante do seu curso e Português (16,3%) a que eles menos gostam. A disciplina que mais gostam é Matemática (13,3%) e também é a Matemática (24,1%) considerada como a mais importante pelos alunos.

Os entrevistados praticamente formam dois blocos quando se pergunta pela qualificação dos professores: 57,8% responderam que os professores estão bem preparados para ensinar, enquanto 42,2% afirmam que muito poucos o estão. Também é significativa a divisão em dois blocos bem equilibrados quando se pergunta sobre o espaço que as disciplinas oferecem ao estudante para uma reflexão sobre os problemas enfrentados por eles no mundo atual. 50,4% responderam que existe esse espaço, enquanto 49,6% afirmam não existir ou se mostram duvidosos quanto a essa existência. As disciplinas mais apontadas são: OSPB/EMC (24,2%), História (14,3%), Orientação Educacional (10,4%); do total dos alunos que têm Filosofia (42 alunos), 21,4% a apontaram como disciplina onde é possível debater e refletir sobre a problemática do jovem hoje.

Os três critérios mais apontados por eles para seu reconhecimento de que uma pessoa é inteligente foram: conhecimentos (8,6%), aplicação dos conhecimentos em benefício dos outros (6,0%), e capacidade de resolver problemas (4,6%). Solicitados a indicarem a pessoa mais inteligente do mundo segundo sua opinião, apontaram o Papa (11,8%), os Pais (9,0%) seguindo-se a auto-designação Eu (6,2%) e outras.

4º O estudante de 2º Grau e sua opinião com relação aos problemas atuais

É na Sociedade que os estudantes localizam o maior foco de problemas, com maioria absoluta de 84,6%; segue-se a Família (12,2%) como outro pólo onde se localizam os problemas mais graves e a Escola (3,2%). De todos os problemas citados, é o Econômico que recebe o grande consenso como sendo o mais grave problema atual (45,6%). Os problemas Políticos aparecem em segundo lugar, seguindo-se dos

Sociais (20,9%).

Solicitados a proporem uma solução aos mesmos, os entrevistados sugerem: “uma tomada de consciência” do povo em geral (38,2%), “medidas governamentais” (20,5%), “mudança das pessoas que estão no poder” (15,3%), “ação concreta do povo” (14,2%) e outras.

Não é somente no plano social que o problema econômico foi apontado como o mais grave problema. Perguntados sobre qual “seu” problema mais grave, foi igualmente a Falta de Dinheiro (14,5%) o mais citado, seguindo-se de “Os Estudos” (11,4%), Solidão (5,4%), Medo do Futuro (4,2%), Relacionamento (3,4%), Não entender o mundo (3,0%) e outros.

5º. O estudante de 2º Grau e sugestão da inclusão de uma disciplina de cunho filosófico no seu currículo

Conforme já se pode constatar num momento anterior, a maioria dos estudantes (63,2%) sente que o 2º Grau não o está preparando adequadamente para “enfrentar a vida”. Foi significativa a parcela dos entrevistados que afirmou desejar ter no seu Currículo uma disciplina onde através da reflexão, do debate e do estudo, pudesse situar-se melhor no mundo em que vive.

Apenas 6,0% dos entrevistados responderam que não gostariam de ter no Currículo a referida disciplina, entre esses, a justificativa mais freqüente foi a sobrecarga horária que já lhes é atribuída.

A maioria absoluta (85,3%) respondeu sim à pergunta e 8,7% responderam não ter bem clara a validade ou não da mesma. Solicitados a defenderem sua posição favorável a mais freqüente justificativa foi a de que uma disciplina dessa natureza os “prepararia para enfrentar mais seguramente os problemas” (18,8%), outros 17,5% argumentaram favoravelmente, pois, segundo eles, possibilitaria ao jovem “tomar consciência dos problemas existentes”. Outra expectativa é a de que “prepararia o jovem para resolver os problemas” (15,2%). A existência dessa disciplina no entender de 13,8%, já seria válida pelo fato de “aumentar a consciência que o jovem tem dos problemas”; outro argumento bastante freqüente é o de se “incentivar o debate” (6,2%), “ajudar a compreender a realidade” (5,5%) e o de “dar oportunidade ao jovem de expor suas próprias idéias” (4,5%), e outras.

Do total dos entrevistados, apenas 11,8% não gostaram de responder ao questionário. Os 88,2% restantes não apenas estavam satisfeitos de o

terem respondido, como chegaram mesmo a afirmar estarem se sentindo valorizados pela primeira, vez, ao serem consultados para quaisquer e eventuais mudanças no Currículo Escolar. Dessa parcela, foi significativo o número dos que se ofereceram para prestar novas contribuições. Alguns teceram elogios à elaboração do questionário, fazendo ressalva apenas à pergunta sobre “Quem você considera no mundo a pessoa mais inteligente?”; acharam-na sem “sentido”.

Pode-se concluir que o retorno da filosofia ao 2º Grau é não apenas uma possibilidade aberta em virtude das atuais reformulações pelas quais está passando a Lei nº 5.692, como uma necessidade manifesta nas preocupações dos próprios adolescentes que se ressentem da falta de uma disciplina que lhes dê condições de se situarem e compreenderem a realidade concreta na qual estão vivendo. Nossos estudos continuarão no sentido de aprofundar a proposta a fim de contribuir para a melhoria da formação do jovem estudante secundarista.

Florianópolis, 10 de maio de 1982.